



## **Tecnologias e Jornalismo – inovações tecnológicas e implicações na produção da cobertura internacional<sup>1</sup>**

Samara da Cruz MACHADO<sup>2</sup>

Cintia XAVIER<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG

### **RESUMO**

Este trabalho é o projeto da monografia de conclusão de curso que está sendo desenvolvida neste ano de 2012. O objetivo da monografia é apontar possíveis contribuições tecnológicas no modo de se fazer o jornalismo internacional. O presente texto consiste na sistematização preliminar do projeto que busca reportar as implicações do desenvolvimento tecnológico na produção, distribuição e, conseqüentemente, consumo do jornalismo internacional. A partir disso, espera-se avançar na discussão que envolve a tecnologia na área de comunicação e, ainda, na cobertura internacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; tecnologia; cobertura internacional.

### **1. Introdução**

A presença de conteúdos jornalísticos com foco no internacional não apresenta data específica de surgimento nos jornais brasileiros, já que há controvérsias (NATALI, 2004; LOS MONTEROS, 1998). O que existem são apontamentos parciais de um resgate histórico sobre a realização dessa atividade inserida no jornalismo nacional.

Los Monteros (1998) aponta que as notícias sobre o exterior entraram em pautas nacionais tardiamente, se comparado com a origem do jornalismo. Data do segundo quartel do século XIX. Considerando que a produção de jornalismo internacional depende de recursos tecnológicos para garantir a instantaneidade na transmissão, e, pensando ainda, na distância física entre o local onde ocorre o fato e a sede do jornal nacional, por exemplo, os avanços tecnológicos foram determinantes para o surgimento de um jornalismo de caráter internacional.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 05 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Jornalismo da UEPG, email: samara\_machadoo@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientadora Professora Doutora do Curso de Jornalismo da UEPG, email: cintia\_xavierpg@yahoo.com.br



O jornalismo nasceu como uma atividade de comunicação local, com uma vocação comunitária. A primeira agência de notícias internacionais é organizada no segundo quartel do século XIX. As notícias sobre o exterior ganham seu espaço na imprensa diária quase um século depois da Revolução Industrial (LOS MONTEROS, 1998).

Mas há autores que discordam dessa ideia tardia de surgimento da categoria internacional. Natali (*apud* AGUIAR, 2008) defende que o jornalismo nasceu internacional, já que no século XVII o mercantilismo já precisava dele. As folhas de notícias traziam informações com foco nos acontecimentos ocorridos no exterior.

Poderíamos supor que o jornalismo surgiu como atividade que fizesse circular informações de interesse local ou paroquial, já que o campo de interesse comum dos mortais, em comunidades compartimentadas, sofria os efeitos de uma infra-estrutura precária de comunicações. Pois suporíamos errado. O jornalismo nasceu, isto sim, sob a forma de jornalismo internacional, com o formato de coleta e difusão de notícias produzidas em terras distantes (NATALI *apud* AGUIAR, 2008)

Ainda assim, ao se pensar na existência do jornalismo internacional, é interessante observar a origem das agências de notícias, já que as duas práticas de jornalismo não estão dissociadas. Isso porque tanto a atividade de agência de notícia quanto a do jornalismo internacional, de forma separada, dependeram do desenvolvimento de alguns aparatos tecnológicos para sua execução.

Conservando las debidas proporciones y contextos históricos, em el primer momento del surgimiento de las agencias, el mundo estaba inmerso en un conjunto de cambios y condicionamientos desdoblados directa o indirectamente por la revolución industrial. Por lo tanto de modo análogo a lo que tenemos hoy en día, cuestionamientos y modificaciones eran perceptibles em las rutinas de trabajo y, sobretudo, em los flujos de información (SILVA JR, 2008).

Confirmando a importância da tecnologia na realização do trabalho jornalístico, Oliveira (2010) dedica uma parte da sua tese intitulada xxx, a incursões históricas sobre a trajetória das agências de notícias nacionais. Nota-se então que, assim como o jornalismo internacional, as agências de notícias surgiram a partir de interesses ocasionadas pelas trocas comerciais. E a expansão de suportes tecnológicos serviram como base para a existência das agências, como as redes de telégrafo, por exemplo.



A história das agências de notícias tem sido marcada pelo desenvolvimento da própria técnica no contexto da expansão do capitalismo. Do surgimento das pioneiras agências de notícias internacionais, a partir da segunda metade do século XIX, à sua própria expansão no decorrer do século XX, com o aparecimento das demais agências e a ampliação desse setor no mercado de comunicação, constata-se que esse desenvolvimento se deu num amplo contexto de transformações político-econômicas, sócio-culturais e técnico-científicas (OLIVEIRA, 2010, p. 45)

Neste trabalho, a autora confirma um cenário de controle por parte dos conteúdos divulgados nos jornais de circulação nacional. Sendo assim, isso implica a existência de mesmos temas no debate público e, mais ainda, mesmas abordagens. E, essa tendência de homogeneização é uma característica que provem do jornalismo internacional realizado e distribuído por agências.

Não é exagero afirmar que, o que se denunciava nos anos 1970, em relação à hegemônica atuação das agências internacionais, num fluxo de informação de mão única para todo o mundo, também tem se apresentado na atual realidade brasileira a partir de três agências nacionais. Entre os 10 principais jornais em 10 capitais brasileiras, nove se apresentam assinantes dos mesmos serviços, isto é, reproduzem cotidianamente os mesmos temas e abordagens de três únicas fontes produtoras (OLIVEIRA, 2010, p. 416).

Para a realização do jornalismo internacional menos homogêneo, as emissoras utilizam correspondentes internacionais ou enviados especiais. A figura do enviado especial é o “repórter escolhido para conseguir informações ou reportagens em um lugar que a televisão não tem ninguém na área (...), sendo que nesse lugar há assuntos regulares de grande valor jornalístico” (CUNHA *apud* BRITTO, 2004, p. 4). Já os correspondentes internacionais possuem moradia fixa em cidade fora do Brasil. Mas a cobertura não se limita ao local onde residem. Eles são responsáveis, também, pela cobertura das regiões próximas geograficamente.

Borrot apresenta uma definição de correspondente internacional que o coloca como marca de representatividade da emissora a qual pertence diante de organizações de outros países.

A figura do correspondente identifica um tipo de jornalista profissional que se apresenta em agências de notícias, jornais, revistas e emissoras de rádio e de televisão;



trabalha para qualquer uma destas organizações, de maneira permanente, fora da sede central de sua redação, seja dentro ou fora do país. Envia informações, comenta acontecimentos e representa sua redação perante organizações de todo tipo (BORRAT *apud* LOS MONTEROS, 1998).

### **1.1 Tecnologias e a produção internacional**

Ao se pensar em jornalismo internacional é necessário compreender que as transformações tecnológicas foram capazes de fornecer uma nova possibilidade, não apenas ao jornalismo mas ao universo empresarial. Os limites de distância e tempo permitiam um tipo de cobertura internacional. Como afirma Baldessar (1998) “o processo de introdução de novas tecnologias implica em movimentos simultâneos e contraditórios (...), seja como crescente especialização ou com a integração das tarefas”.

O uso de computadores, o próprio advento e popularização da internet, a redução de tamanho e peso nos equipamentos de trabalho (câmeras, filmadoras), são recentes no dia-a-dia das profissões. No início dos anos 90, por exemplo, não se falava em Internet. Dessa forma, torna-se pertinente pensar em como essas tecnologias afetam o trabalho diário dos jornalistas.

A caracterização da atual revolução tecnológica deixa de ser feita apenas pelo impacto da ciência sobre a produção; ao contrário, o que entra na ordem-do-dia é a criação, a estocagem, a fecundação recíproca, a circulação da informação em todos os setores da empresa e da sociedade, quer se trate da exploração das riquezas inovadoras acumuladas entre os usuários de equipamentos ou dos circuitos inovadores que unem os clientes e usuários aos produtores e aos que concebem os produtos (LOJKINE, 1999)

Ou seja, o desenvolvimento de tecnologias fornece facilidades também na circulação, acesso e consumo dos conteúdos informativos. Senra (1997, *apud* BALDESSAR, 1998) defende que o desenvolvimento fornece um aspecto de espetáculo à atividade jornalística e afirma que essa origem “deve ser buscada, sobretudo na chamada modernização dos jornais, na revolução que, incorporando a informática e impondo a racionalização técnico-administrativa, vem dando forma à empresa jornalística”.



Mas também outras reflexões são feitas a partir do uso e das modificações causadas pela tecnologia na sociedade. A substituição do trabalho humano por máquinas, a ausência de necessidade de alguns cargos específicos, como a do copydesk, por exemplo, são sinais das consequências que podem ser vistas como negativas socialmente. Ao menos, numa primeira instância. “Adaptação ao momento ou revolução via tecnologia e informação? Obviamente que este final de século é paradigmático na história do homem. No entanto [...] as relações antagônicas entre capital e trabalho persistem, não foram alteradas ou substituídas” (BALDESSAR, 1998).

Pensando nessas alterações é válido pensar na retrospectiva dos desenvolvimentos de suportes tecnológicos no país, para se ter uma compreensão do cenário que envolve as tecnologias e as formas de comunicação. Oliveira (2003) traça o contexto da tecnologia e defende que a ideia da comunicação está ligada a conexão. Quando se pensa em conexão, nesse caso, não se faz referencia direta a internet, mas sim a todos os suportes que permitem o envio e recebimento de conteúdos, que realizam o contato comunicacional. A diminuição de distâncias, como efeito da globalização, é possível a partir de invenções que iniciaram ainda no século XIX.

Nas primeiras décadas do século XX, a tecnologia teve um novo salto, decorrente dos impulsos das várias ciências. O desenvolvimento científico associou-se ao desenvolvimento tecnológico. Desta união surgiram, entre o final do século XIX e o início do século XX, invenções como a luz elétrica, o automóvel, o avião, o rádio, o telefone e o cinema. Foi a época também da consolidação dos grandes centros consumidores, capazes de absorver a fabricação de produtos em larga escala, o que barateava os custos e justificava a introdução das inovações. A partir dos anos 40, foram sendo lançadas novidades cada vez mais espetaculares, como a televisão, os antibióticos, os computadores. (...) A última década do século XX trouxe uma dessas bruscas mudanças de ambiente, ocasionada principalmente por dois fatores: globalização e tecnologia (OLIVEIRA, 2003, p. 26 e 27).

Portanto essas modificações no ambiente e nas relações sociais, também têm efeitos na produção de conteúdos informativos. A partir desse contexto, quais são as contribuições de suportes tecnológicos no processo produtivo da notícia no jornalismo internacional?

## **2. Fundamentação Teórica**



Em relação a estudos já desenvolvidos sobre jornalismo internacional alguns autores (AGUIAR, 2008; NATALI, 2004) afirmam que o acervo é limitado, pela pouca quantidade de trabalhos e publicações e, também, por uma exclusão da área internacional em livros específicos que tratam de jornalismo especializado. “Ao contrário de outros campos de atuação jornalística, a cobertura internacional não conta com nenhuma obra que aborde sua trajetória, transformações e especificidades históricas, muito embora esteja onipresente em nossa mídia desde sua própria gênese” (AGUIAR, 2008, p. 7).

Em um artigo que trata especificamente sobre o assunto, intitulado Por uma História do Jornalismo Internacional no Brasil, o autor realiza um levantamento bibliográfico sobre o assunto. “Excluindo-se os relatos testemunhais, as coletâneas de crônicas e os livro-reportagem de ex-correspondentes e enviados especiais, sobram raros títulos de foco específico na área e do modo brasileiro de se cobrir o exterior” (AGUIAR, 2008, p. 3).

O autor destaca, ainda, algumas particularidades do jornalismo internacional que, por vezes, podem afastar os pesquisadores desse tema. Para começar, a produção de notícias internacionais compreende a descrição do estrangeiro, daquilo que está distante do público que, muitas vezes, não consegue criar contextualização para os fatos.

Tudo isso faz parte de um período que ainda hoje é objeto de um imenso vazio bibliográfico. Não há pesquisas que nos digam de que maneira foram noticiados por aqui acontecimentos europeus ou norte-americanos relevantes. As hemerotecas de pasquins são consultadas por historiadores como fontes primárias de opiniões divergentes sobre política interna e não tendo como objetivo o jornalismo em si ou a seção de pautas estrangeiras que agora nos interessa. O noticiário internacional não é objeto de estudos editados ou disponíveis em bases de dados de monografias de mestrado ou teses de doutorado das universidades públicas que consultei (...). O que temos são indícios, pescados ao acaso na bibliografia (NATALI, 2004, p. 22)

A produção sobre jornalismo internacional tem se desenvolvido, seja para uma reconstrução histórica, pela quantidade de assuntos pautados produzidos por agências de notícias, ou pelo desenvolvimento tecnológico ao longo da história do jornalismo. Em uma pesquisa na Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC), na área de



jornalismo, encontram-se trabalhos que fazem referência ao jornalismo internacional, seja numa perspectiva a partir dos jornais nacionais sobre o tema ou, até mesmo, sobre jornais que circulam em outros países. Internet e reconfiguração da prática jornalística: a editoria internacional nos jornais Folha de S.Paulo, O Estado de S.Paulo e em seus respectivos portais (BAHIA, 2010); Le Monde não tem espaço para o Mercosul (SANT'ANNA, 2010); O Gosto da Guerra: quando o Novo Jornalismo remonta ao inferno dos anos 60 no Vietnã (HOLANDA, 2009); Cobertura mediática de África na imprensa europeia, no contexto da II Cimeira EU-África (SILVA, 2010). Esses são alguns exemplos de trabalhos desenvolvidos nos últimos anos. Entretanto, nota-se que os trabalhos trazem outra abordagem que tem contato com o jornalismo internacional, mas não tratam o tema como foco principal. “A tarefa se apresenta difícil pelo fato de haver textos que tangenciam o tema, sem incluir identificação precisa no título ou em palavras-chave” (AGUIAR, 2008, p. 8).

Em relação a estudos específicos sobre tecnologias nota-se a mudança de termos relativos a tecnologias diante das transformações ocorridas a partir do desenvolvimento da tecnologia. Vale ressaltar que essa referência a tecnologia acontece em diversas áreas, como a comunicação, administração, engenharias, etc. Lojkine (1999, p. 48) defende que essas transformações sugerem a uma Revolução Informacional, que se caracteriza justamente pelo papel primordial que ela desempenha no tratamento com a informação, na produção e no consumo. Assim, pode ser pensada a partir da flexibilidade, que é a variedade dos possíveis usos das máquinas informacionais, e da estrutura de redes descentralizadas.

Dentro desse contexto surge o termo Tecnologia da Informação (TI), que foi evidenciado no início da década de 80 nas áreas de administração, com os surgimentos dos computadores.

“Hoje a tecnologia da informação tornou-se a designação mais utilizada para uma gama crescente de equipamentos, aplicações, serviços e tecnologias básicas que se enquadram em três categorias principais: computadores, telecomunicações e dados de multimídia, com literalmente centenas de subcategorias” (KEEN, 1996)

Nota-se assim que o termo se refere a uma multiplicidade de equipamentos e sistemas que podem facilitar os processos construtivos e de acesso aos conteúdos noticiáveis. Como defende Rezende (2000) é importante não pensar no conceito das



TIs de forma isolada dos sistemas em que elas estão inseridas, exigindo, assim, questões comportamentais para uma facilidade efetiva.

“Sempre é necessário envolver e discutir as questões conceituais dos negócios e das atividades empresariais, que não podem ser organizadas e resolvidas simplesmente com os computadores e seus recursos de software, por mais tecnologia que detenham. Em consequência das questões dos negócios empresariais, aparecem as questões comportamentais necessárias para uma utilização efetiva dessas tecnologias” (REZENDE, 2000)

Na década de 90, com o advento da internet, o termo Novas Tecnologias da Informação e comunicação (NTICs), começou a ser utilizado como um avanço sobre as antigas TIs, que estavam atreladas, inicialmente, ao surgimento do computador. Compreende-se por NTICs

os recursos tecnológicos que permitem o trânsito de informações, que podem advir de diferentes meios de comunicação, seja rádio, televisão, jornal, revista, livros, fotografia, computadores, gravação de áudio e vídeo, redes telemáticas, robótica, sistemas multimídias, entre outras (SUANNO, 2003, p. 1)

Pode-se dizer que os termos referentes a dispositivos tecnológicos, na verdade, estão muito mais atrelados a opção de cada autor do que a um significado específico. Tecnologia da Informação, Novas Tecnologias da Informação e Novas Tecnologias da Informação e Comunicação fazem referência a esses aparatos que permitem novas formas de armazenamento, produção, distribuição e consumo da informação. A utilização do termo “novas” é feito em referência a um determinado período. Por exemplo, o telefone móvel pode ser visto como uma nova tecnologia se comparado com o surgimento do telefone fixo. Ou seja, é uma questão de referência. “As tecnologias da comunicação, cada qual a seu tempo, resultaram sempre em transformações significativas na sociedade, nos hábitos e nas formas do homem se expressar, agir, interagir e conceber o mundo” (AZAMBUJA, 2010, p. 37).

Nos anos 2000, o cenário jornalístico se deparou com outro tipo de conceito. O chamado jornalismo móvel, que ocorre com a utilização de tecnologias portáteis, como o celular. Para Figueiredo e Nakamura (2003, *apud* AZAMBUJA) existem algumas características fundamentais para que um dispositivo seja considerado móvel.



Deve ter a capacidade de realizar processamento, trocar informações via rede e ser capaz de ser transportado facilmente por seu usuário. Para isso, é importante que o dispositivo computacional tenha tamanho reduzido e não necessite de cabos para conectá-lo à rede de dados ou fonte de energia elétrica. Assim, equipamentos desse tipo devem ter as seguintes características: ser bem menor que as estações de trabalho que costumamos usar geralmente manipulados no colo ou na palma das mãos; possuir uma bateria, para evitar a necessidade de conexões à rede elétrica através de cabos que limitariam muito a mobilidade; e ter acesso a dados através de tecnologias de redes sem fio, pelo mesmo motivo anterior (FIGUEIREDO; NAKAMURA, 2003, *apud* AZAMBUJA 2010)

### **3. Justificativa**

A pesquisa se justifica pela observação e documentação dos avanços tecnológicos no processo de construção noticiosa do jornalismo internacional, a partir da visão dos jornalistas e, também, a partir dos conteúdos presentes nas páginas dos jornais na editoria internacional.

Como o exercício da atividade de agências de notícias e, conseqüentemente, do interesse local em conteúdos internacionais, está diretamente ligada com a introdução e os avanços da tecnologia, torna-se pertinente pensar em como esses avanços afetam a produção e a transmissão de conteúdos internacionais. Essa pertinência se evidencia, ainda, com o fato de que, nos últimos vinte anos, essas novidades tecnológicas se desenvolveram de maneira mais rápida. Além disso, existe um período de adaptação ao uso da tecnologia. Esse período nem sempre se dá sem conturbações. É válido verificar em que medida se deu o processo de adaptação dos jornalistas e quais foram as principais dificuldades/facilidades causadas na sua rotina diária.

As câmeras fotográficas, por exemplo, deixaram de ser analógicas e se tornaram digitais. Além disso, apresentam em único aparelho a função de filmadora e gravador de áudio. E a substituição de novos aparelhos por outros aparelhos com maior número de recursos acoplados é constante. “O desenvolvimento das comunicações elétricas, em seguidas óticas, está em vias de conectar todos esses sistemas e de criar, nas empresas e nos países, redes locais, regionais e internacionais de comunicação” (LOJKINE, 1999, p. 115).

Os estudos existentes sobre a prática do jornalismo internacional estão ligados a essas opções tecnológicas. Isso não se evidencia apenas pelo fato do desenvolvimento



tecnológico permitir a diminuição de distâncias, mas também por acelerar processos de produção, distribuição e consumo de conteúdos informativos. Assim, a pesquisa se justifica também pela continuidade dos estudos na área do jornalismo, oferecendo outro desdobramento sobre o conteúdo internacional inserido no jornalismo nacional.

Buscando cruzar a questão da tecnologia com uma parte do jornalismo, que é a que se faz através dos correspondentes internacionais, a pesquisa se conecta com estudos já produzidos ao mesmo tempo em que atende a necessidade de mostrar as transformações e os desafios na prática jornalística, do ponto de vista da produção da notícia, em decorrência de novos aparelhos para o trabalho.

#### **4. Objetivos e Métodos**

O objetivo geral da pesquisa é apontar as possíveis contribuições dos suportes tecnológicos para a realização da cobertura internacional. Assim, busca-se identificar quais são as tecnologias utilizadas atualmente e relatar os modos de produção dos enviados especiais. Os enviados especiais, muitas vezes, não têm a redação da empresa jornalística e todo o aparato que um correspondente fixo, por exemplo, possui. Isso porque o seu trabalho é ir até o local do acontecimento, o que o impede de utilizar todo o sistema fixo que a empresa possui. Por fim, espera-se verificar se os efeitos das tecnologias no ambiente de trabalho foram positivos ou negativos na visão dos jornalistas.

Nesse trabalho, a técnica de pesquisa empírica que será apresentada é a histórica, considerando que, para entender e retratar a atual condição de trabalho e de possibilidades dos correspondentes internacionais é preciso resgatar, historicamente, o trabalho exercido antes dos novos aparelhos tecnológicos.

A pesquisa será de caráter descritivo, pois pretende descrever a produção do jornalismo internacional, a partir das inferências causadas pela introdução de suportes tecnológicos, ao mesmo tempo em que busca apresentar os avanços e as novas possibilidades que essas ferramentas permitiram aos jornalistas. Visando um cenário descritivo, a coleta de dados será feita através de entrevistas com os correspondentes internacionais e observação.

Como as entrevistas serão realizadas pessoalmente, a técnica utilizada será a de entrevista semi-estruturada, que prevê questionamentos básicos, de forma dirigida. Para Triviños (*apud* MANZINI, 2004, p.2) essas perguntas estão relacionadas a hipóteses do



tema de pesquisa. Mas, a partir das respostas dos entrevistados, existiriam novas hipóteses. Ou seja, a entrevista segue uma lógica estruturada a partir de algumas questões chaves, mas os entrevistados têm liberdade e participação na condução da entrevista a partir das questões levantadas pelas suas respostas.

Outra técnica utilizada será a da observação. Ela serve como instrumento quando é utilizada para evidenciar determinados aspectos da realidade (SILVA, 2001, p. 33). Neste trabalho, a observação será feita sobre as notícias publicadas sobre o incêndio na base brasileira na Antártida, que ocorreu na madrugada do sábado (25/02). Esse esforço se vale por ser uma forma de visualizar alguns aspectos dos conteúdos internacionais presentes nas páginas dos jornais. A origem da informação e a utilização de fotos, por exemplo, são informações que ajudam a construir o cenário do jornalismo internacional. Vale ressaltar, no entanto, que essa observação não se trata de um estudo de caso, já que se pretende verificar o tratamento do fato em mais de um jornal.

E a análise, posterior, se dará em forma de associação a partir das respostas junto com o resgate histórico sobre a utilização das tecnologias no meio jornalístico. Portanto, a partir da revisão bibliográfica que busca o resgate histórico sobre as inovações tecnológicas pós século XX e da influência que essas inovações representaram para a atividade jornalística; com a revisão sobre o papel do correspondente internacional para o jornalismo de âmbito local; e a pesquisa de campo através de técnicas de entrevistas com os jornalistas, será construído um retrato de como é produzido o jornalismo internacional.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Pedro. **Por uma História do Jornalismo Internacional no Brasil**. Congresso da Rede Alfredo de Carvalho de História da Mídia. Niterói, 2008. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/12742136/Por-Uma-Historia-do-Jornalismo-Internacional-no-Brasil>>. Acesso em: março 2012

AZAMBUJA, Grace Kelly Bender. **JORNALISMO 3G – Reconfigurações da Produção Jornalística na Era da Mobilidade**. São Leopoldo – RS – 2010.

BALDESSAR, Maria José. **A mudança anunciada – O cotidiano dos jornalistas e a revolução informacional**. Santa Catarina, 1998.

BRASIL, Antônio. **O Fim de uma Era (Correspondentes Internacionais da TV Globo)**, em *Comunique-se*, 10 de outubro de 2003. Disponível em



[http://descolando.obaoba.com.br/resources/jornalismointernacional\\_apostila.pdf#page=63](http://descolando.obaoba.com.br/resources/jornalismointernacional_apostila.pdf#page=63)

BRITTO, Denise Fernandes. **O papel do correspondente internacional na editoria exterior**. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte, setembro de 2003. Disponível em <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/16937/1/R1144-1.pdf>>

CORREIRA, João Carlos. **Ideologia, Crítica e Deliberação**. In: Conceitos de Comunicação Política/João Carlos Correia, Gil Baptista Ferreira e Paula do Espírito Santo, organizadores. Livros LabCom, 2010.

KEEN, Peter G. W. **Guia gerencial para a tecnologia da informação: conceitos essenciais e terminologia para empresas e gerentes**. Rio de Janeiro: Campus, 1996

LOJKINE, Jean. A Revolução Informacional. – São Paulo: Cortez, 1999.

LOS MONTEROS, Guillermo García Espinosa de. **“Periodismo Internacional, Corresponsales y Testimonios sobre el Extranjero”**, em Foro Internacional nº 152-153, México: Hemeroteca Virtual/UNAM, 1998. Disponível em <[http://descolando.obaoba.com.br/resources/jornalismointernacional\\_apostila.pdf#page=50](http://descolando.obaoba.com.br/resources/jornalismointernacional_apostila.pdf#page=50)>.

MESQUITA, Cristiana. **Cobertura Internacional é para gente grande**. Em Observatório da Imprensa, 17 de abril de 2002. Disponível em <[http://descolando.obaoba.com.br/resources/jornalismointernacional\\_apostila.pdf#page=68](http://descolando.obaoba.com.br/resources/jornalismointernacional_apostila.pdf#page=68)>

MONTEIRO, Adriana Crisanto. **Emoção no discurso da mídia impressa**. Em BOCC, 2005. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/monteiro-adriana-emocao-discurso.pdf>>

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, Jayr Figueiredo de. **T.I.C. – Tecnologias da Informação e Comunicação**. São Paulo: Érica, 2003

OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de. **A notícia exclusiva na lógica de distribuição em conglomerados da mídia brasileira: estudo das rotinas nas agências Estado, Folhapress e O Globo**. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2010.



PEREIRA, Livia Cirne de Azevedo. **Os Avanços Tecnológicos no Telejornalismo Brasileiro: de 1950 à Era Digital**. Em BOCC, 2008. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-livia-avancos-tecnologicos.pdf>>

REZENDE, Denis Alcides. **Tecnologia da Informação aplicada a sistemas de informação empresariais: o papel estratégico da informação e dos sistemas de informação nas empresas**. – São Paulo: Atlas, 2000

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social – métodos e técnicas**. São Paulo. Editora Atlas, 2009.

SILVA, Edna Lucia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. UFSC: Florianópolis, 2001. Disponível em <<http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20da%20Pesquisa%203a%20edicao.pdf>>.

SILVA JR, José Afonso da. **Legado y expolio de las agencias de noticias para el periodismo em La Web**. Recife, Brasil. Maio de 2008.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. **Novas Tecnologias de Informação e Comunicação: reflexões a partir da Teoria Vygotskyana**. 2003. Disponível em <<http://www.abed.org.br/seminario2003/texto16.htm>>. Acesso em: março de 2012.

WHITE, Robert A. **Recepção: a abordagem nos Estudos Culturais**. Comunicação e Educação, São Paulo, mai/ago 1998. Disponível em <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4391/4101>>.